

## O abraço

Ivan Moura Silva<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Aquela casa conservava um silêncio quase triste em sua sala principal. Não que esse silêncio predominasse em todos os aposentos, mas ali, embora concentrasse a maior parte dos frequentadores da casa, era como se houvesse uma lei que os obrigasse a permanecerem calados. Os homens entravam e se sentavam no primeiro lugar que vissem, onde ficariam no breve período que levariam para escolher. Nesse meio tempo evitava-se ao máximo o contato com os outros homens, como bem dizia o contrato moral previamente estabelecido. Afinal, podia-se reconhecer alguém. Ainda que não houvesse um conhecido, o simples contato com outro nessa situação já causaria incômodo. O fato de ambos serem pegos em um flagrante mútuo em nada atenuaria a situação, somente dobraria o constrangimento de ver a própria culpa refletida no outro.

Por isso mesmo ninguém se demorava no local. As mulheres apresentavam-se oferecendo um sorriso que queria ser provocador, mas era apenas triste. Mas isso não era determinante para o sucesso da apresentação. Os homens pareciam já saber o que procurar. Um deles, tentando se certificar de que uma das moças realmente correspondia ao que ele procurava, chamou-a a um canto e trocou algumas palavras, mas com tamanho receio que parecia um médico a dar a notícia da morte de alguém. Vozes, ouvia-se apenas dos dois funcionários. Tratavam da administração do local com rigor, conferindo os números de clientes do dia e quem os havia atendido. Nisso parecia haver uma preocupação excessiva dos funcionários, como se quisessem corrigir problemas frequentes, aperfeiçoar um sistema que pudesse ser confiável. Enfim, quando alguém havia comunicado sua escolha, um grito do funcionário contrastava com o silêncio do local: “Aline, vai subir!”.

---

<sup>1</sup> Mestrando em literatura e crítica literária pela PUC-SP. Bolsista CAPES. E-mail: Ivan\_moura09@hotmail.com.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

Sim, a rapidez na escolha era a regra da casa. Quando não se pudesse escolher, ia-se embora. Mas eu, estando ali pela primeira vez, permanecia aguardando já há um bom tempo, o que fez um dos funcionários me informar mais de uma vez: “Tem elas hoje”. Mas eu não dizia nada, nem me levantava. Fiquei sentado com um forte incômodo. As mulheres já haviam se apresentado mais de uma vez para mim. Quando iam se apresentar a um novo cliente, elas passavam por mim e nem me olhavam, como se eu já fosse parte da casa. Eu tentava imaginar que em breve chegaria alguém que me cativasse verdadeiramente e me faria escolher, num impulso, assim como os outros homens. Mas eu sabia bem onde estava. A verdade é que não pude escolher nenhuma das moças, embora quase todas tivessem me interessado. Então fiquei um bom tempo, imaginando aparecer mais alguém, sem ter coragem de me levantar e ir embora.

E, no entanto, ela apareceu. No instante em que a vi, já muito incomodado pelo medo e pelo cansaço, decidi então que seria ela. Mas ela parecia já estar de saída. Desceu as escadas e se aproximou de um dos funcionários. Não devia ter mais do que o mínimo necessário para estar ali, dezoito anos, talvez recém-completos, embora sua aparência fosse de uma colegial. Não digo que tivesse menos do que o exigido, pois isso colocaria em risco a estabilidade dos negócios. A casa não correria esse risco. Hoje fica claro para mim o quanto devia valer uma moça como aquela, que era capaz de corresponder às fantasias mais obscuras dos homens sem que eles precisassem ultrapassar os limites estabelecidos pela sociedade. Mas na hora não pensei nisso. Apenas a observei descer as escadas e tratar de alguns assuntos burocráticos com um funcionário. Ela parecia contestar um direito que julgava ter sobre um dos clientes, mas o funcionário mostrava os registros do dia e alegava a eficiência de um sistema que fora feito para não haver esse tipo de problemas. Disso ninguém pode duvidar, era um sistema eficiente. Ela pareceu não gostar da explicação do funcionário, embora não encontrasse argumentos para contradizê-lo. Ela estava vestida de forma diferente das demais moças. Estava mesmo de saída.

Não me demorei a decidir. Mal ela saiu da casa e eu me levantei e saí atrás dela. Ela já subia a pequena ladeira que dava para a avenida principal. Mantive certa distância dela. Tinha medo de que ela descobrisse que estava sendo seguida, mas continuei. Até onde eu a seguiria eu não sabia dizer, só andava. Foi então que percebi que todo o jeito

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

dela andar só confirmava a impressão que tive na casa. Era uma menina. Andava em pequenos zigue-zagues, chegando a oscilar entre a rua e a calçada. Quem a visse pensaria que estava saindo da escola. Talvez ingressando no ensino médio, idade em que os jovens já começam a projetar o futuro. Qual será minha profissão? O que eu gosto de fazer? Devo prestar qual vestibular? Mas eu sabia que ela não estava saindo da escola. Eu era o único que conhecia a história de vida dela.

Ela chegou ao metrô. Em nenhum momento ela havia olhado para trás, não podia saber que estava sendo seguida. Embarcamos quase juntos. Já não precisava manter muita distância; ali eu era apenas mais um. Sentei próximo a ela. Agora já não podia fixar o olhar nela, pois estávamos quase frente a frente. Lançava breves olhares a ela. O trem foi enchendo e, às vezes, tinha que driblar algum passageiro para vê-la novamente. Ali estava ela. Se sua identidade fosse revelada causaria grande espanto. Provavelmente muitos se recusariam a sentar próximo a ela, manteriam distância. Ainda que não pudessem manter distância física devido à lotação do trem, evitariam o olhar ou lançariam a ela olhares reprovadores. Mas ali ela não corria perigo. Eu era o único que a conhecia e seu segredo estava bem guardado comigo. Tentei olhá-la novamente, mas não a vi mais, seu lugar estava ocupado por outra pessoa. Então me apressei em sair antes de a porta fechar. Procurei-a, mas não a encontrei facilmente em meio à multidão. Andei em direção às escadas e consegui vê-la, mas já estava longe e terminava de subir as escadas. Logo desapareceu.

Passei a noite pensando naquela moça de quem nem sabia o nome. Tentava reconstituir o dia e analisar os breves momentos em que passei com ela. Foi então que lembrei de um dia em que passeava com minha mãe pelo centro da cidade. Andávamos tranquilamente quando senti perder a visão por alguns instantes. Era minha mãe que tapava meus olhos. Tentei tirar sua mão, mas ela resistiu e disse: “Não pode olhar.” Fiquei incomodado com aquilo. Como se não bastasse minha curiosidade infantil, minha mãe apertava a mão com certa força no meu rosto. Ela começou a me puxar com o outro braço para atravessarmos a rua. Disse para andarmos depressa. Ficou claro que algo na rua a estava incomodando, o que só aumentou minha curiosidade. No entanto, o cuidado que minha mãe tinha para atravessar a rua fez com que ela se descuidasse momentaneamente de tapar meus olhos. Então, um pequeno vão se abriu entre seus

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

dedos e pude ver, ainda que minimamente e com a vista embaçada. Mas foi suficiente. O que vi foi uma mulher parada em um ponto qualquer, como se tivesse esperando um ônibus. Ela estava com os braços cruzados e olhava longamente para os homens que passavam. Mas isso era apenas um detalhe, não foi o que me chamou atenção. Tinha algo mais, algo que me deixou um tanto curioso. Suas roupas se diferenciavam demais das roupas das outras pessoas. Eu podia ver toda sua barriga e toda sua perna, até em cima, quando as carnes começavam a ficar mais cheias. Apesar de sua roupa diferente e da maquiagem pesada, foi a protuberância de carnes que mais me chamou a atenção.

Naquela noite dormi mal. Acordei bem antes do horário que costumava acordar, mas permaneci deitado. Tinha medo de que não pudesse suportar a tentação de ir novamente até aquela casa para vê-la. O nome dela era Eliza, como fiquei sabendo depois. Pelo menos era assim que eles a chamavam. Então eu me dei conta do ridículo que foi ter perseguido uma pessoa que poderia facilmente encontrar naquela casa. Mas eu não queria ir de novo naquela casa. Se tivesse que ir naquela casa seria para procurar outra moça qualquer, apenas por diversão. Mas isso também estava descartado, pois não teria coragem, como ficou claro no dia anterior, quando não pude escolher ninguém. Eliza agora era o demônio em pessoa, o tentador malicioso e inescrupuloso, portador da luxúria e aniquilador das virtudes das mulheres do bem. Em resumo: a puta. Mas eu tinha presenciado seu jeito de andar, seu jeito de ser que em nada lembrava um demônio. Era uma menina voltando para casa. Mas ainda assim eu não poderia ver Eliza. Foi então que lembrei da exposição sobre o romantismo que estava tendo no museu da cidade naquela semana. Me arrumei rapidamente, me certificando de pegar uma considerável quantia de dinheiro para qualquer imprevisto que pudesse aparecer.

Eu não poderia deixar de ver aquela exposição. Embarquei no metrô, mas comecei a me sentir desconfortável, com a respiração acelerada e um pequeno enjoo. Olhava fixamente para o mapa das estações, aguardando chegar à estação que eu deveria descer para ir ao museu. Conforme o trem avançava, se aproximando da estação, minha respiração acelerava e o enjoo aumentava. Quando faltavam apenas três estações para chegar ao meu destino, senti o ápice do desconforto. É que a uma estação antes do meu destino ficava justamente a estação que levava até à casa onde poderia encontrar Eliza. O trem começou a andar. Já nem poderia chamar o que estava sentindo

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

de desconforto. Era muito mais que isso. Quando o trem parou na próxima estação eu já estava quase chorando. A porta estava aberta, nunca tinha demorado tanto para fechar. Quando soou o sinal que avisava o fechamento da porta, eu me apressei e desci do trem.

Sim, eu estava novamente a caminho da casa de Eliza. Já tinha me acalmado bastante. Andava rápido, não queria saber de perder tempo. Enfim, cheguei naquela casa, toquei a campainha e entrei. O silêncio era o mesmo do dia anterior, embora a sala estivesse cheia. Evitei olhar para os outros homens e sentei no primeiro lugar que encontrei. Era como um prolongamento do dia anterior. As mulheres vinham, se apresentavam e voltavam. Eu as cumprimentava apenas por educação e com certo asco. Um dos funcionários me informou que essas eram as mulheres disponíveis naquele dia. Quis perguntar para ele se Eliza tinha vindo naquele dia, mas não ainda sabia o nome dela. Lembrei que no dia anterior Eliza demorou muito tempo para aparecer e mesmo quando apareceu já estava de saída. Observei bem as outras moças e era evidente que a juventude de Eliza era muito maior que as das outras.

Então descrevi as feições de Eliza para um dos funcionários e perguntei se ela viria hoje. Ele não precisou se esforçar para tentar entender de quem eu estava falando: “Ah, Eliza? Sim, ela veio hoje, mas não tem mais horário não. Se você quiser eu agendo pra você um outro dia.” Me senti humilhado. “E pra quando dá pra marcar?”, eu perguntei. “Pra próxima semana não tem mais horário. Tem um pro dia dez, daqui duas semanas, vai ser uma quarta feira”, ele respondeu. Não que eu tivesse desistido de agendar um horário com Eliza, mas na hora eu falei, talvez por não querer esperar tanto tempo: “Eu ligo”. E fui andando até a porta, quase arrependido de não ter marcado de vez o horário com Eliza. Foi quando o funcionário me chamou e pediu pra esperar. Ele pegou o telefone, falou com alguém numa voz baixa, meio querendo disfarçar alguma coisa voltou a falar comigo: “Olha, tem um cliente que cancelou agora pouco um horário com ela. Eu posso colocar seu nome aqui. Já vai ser o próximo a entrar. Mas eu preciso de um extra, você entende.” Me animei de novo e paguei o que o funcionário pedia, achando que tinha feito um bom negócio. Aguardei alguns minutos e logo o funcionário me disse que já podia subir e me mostrou o caminho.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

Subi as escadas e me aproximei do quarto de Eliza, que já me esperava na porta e me disse para entrar. Enquanto se despiu, ela perguntou meu nome. Tudo era muito natural, como se ela fosse uma vendedora que tentava puxar assunto enquanto me mostrava as roupas disponíveis em sua loja. Comecei a fazer o mesmo que ela, embora sem sua naturalidade. Ela se deitou na cama. Eu tentei ainda perguntar algumas coisas a ela, mas ela deixou de responder. Ela me olhava um tanto impaciente. E então não pude mais deixar de me juntar a ela e deitei também, embora mantivesse certa distância. “Como vai querer?”, ela perguntou. Eu não respondi; apenas fiquei ali pensando o que eu poderia fazer, pois era certo que alguma coisa precisava ser feita. Coloquei meu corpo sobre o corpo dela para ganhar tempo e continuar pensando. Ela abriu as pernas e virou o rosto de lado. Senti uma tristeza que quase me fez levantar. Não por causa das pernas abertas, mas pelo fato de ela ter virado tanto o rosto de lado. Acho que ela até fechou os olhos. Para ela eu estava ali na condição de cliente, mais um cliente, que teria por alguns momentos um corpo para usar como bem quisesse. Mas era um corpo morto. Eu logo percebi isso naquele instante. Assim como na Pietà, eu tinha um corpo morto em mãos e não sabia o que fazer com ele. Ela me julgava um cliente a mais, mas eu estava ali para salvá-la.

Eu já estava há tanto tempo imóvel naquela posição que ela endireitou o rosto e me disse: “Já pode fazer”. Eu me senti em mais um daqueles momentos em que não poderia mais ficar parado; tinha que fazer alguma coisa. Então eu aproximei meu corpo ao dela, enquanto ela virava novamente o rosto. Senti um ímpeto de agir imediatamente, porque compaixão não era a única coisa que eu sentia naquele momento. E aqui é preciso novamente notar o ridículo da minha situação. Eu estava ali, digamos, pronto para agir e acabar logo com aquilo, mas simplesmente não conseguia. Eu tinha a resposta do corpo, mas não tinha a resposta da alma. “Deixa que eu fico por cima”, disse finalmente Eliza, se virando na cama. E então eu fiquei deitado, agora por baixo, esperando o ato se consumir por iniciativa dela. Mas, não, não podia consumir, eu não estava ali por isso. Então porque estava ali? O fato é que foi tudo muito rápido e confuso. Ela subiu em cima de mim, como quem monta em um pônei, e tentou unir os dois sexos. Eu não calculei a força necessária para a empreitada, somente percebi que tinha sido exagerada quando vi Eliza caída no chão. Eu a tinha empurrado. Ela fez uma

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

careta meio assustada, meio com raiva e disse: “Tá loco?”. Eu tive vergonha e medo na hora. Pedi desculpas, mas a cara dela agora era só de raiva: “Não tá afim de meter, veio fazer o que aqui então?”, ela continuou, cada vez com mais raiva: “Eu já vi um monte de maluco, mas você é o maior de todos, filho da puta. Tá achando o quê? Vem aqui pra meter ou pra bater? Eu vou chamar o segurança...”.

Eu não sei bem como devia estar meu rosto. Só sei que ela parou de gritar e foi se acalmando. Até sentou de novo do meu lado. “Não sei o que você tá pensando. Você dá o dinheiro e a gente faz sexo. É assim. Não tem nada além disso.” Isso ela disse pouco antes de se levantar e sair do quarto. Não que tivesse dado o horário ainda, mas ela saiu mesmo assim. Eu ainda fiquei no quarto alguns minutos, talvez com medo de ir embora. Fiquei pensando em Eliza e no quanto ela era atraente, com seu corpo tão jovem que parecia ainda não ter se desenvolvido completamente. Magra, muito magra, os seios murchos, que pareciam até estar esperando uma ordem da natureza para enfim crescerem. Um belo rosto de menina que na verdade foi o que verdadeiramente me atraiu. Eu pensava em tudo isso sim, mas pensava também no que tinha perguntado a ela alguns momentos antes dela sair. No momento de maior raiva de Eliza, perguntei se podia abraçá-la. Não sei se para acalmá-la ou para tentar ainda reaproveitar o tempo que deveríamos ter juntos. Mas foi só eu perguntar que ela mudou suas feições e logo saiu depois de dizer tudo aquilo.